

RIOBALDO: SER TÃO SAGRADO ***RIOBALDO: HOLY BEING IN THE WILDERNESS***

*Tânia Pessoa de Lima**

Resumo: Este texto pretende compartilhar a experiência da ler *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, a luz das leituras e discussões ocorridas na disciplina “O imaginário religioso popular e sua lógica”, conduzida pelo Prof. Dr. Ênio Jose da Costa Brito e reflexões em torno do tema do sagrado, objeto da minha pesquisa com as Danças Circulares Sagradas.

Palavras-chave: João Guimarães Rosa, experiência, conhecimento vivido, senso comum, sagrado.

Abstract: This text tends to share the experience of reading the book *Grande Sertão: Veredas*, by João Guimarães Rosa, through the light of the knowledge and discussions occurred in the discipline called “the popular religious imaginary and its logic”, conducted by professor Ênio José da Costa Brito, PhD, and through insights around the theme of the sacred, object of the research with the Sacred Circular Dances.

Keywords: João Guimarães Rosa, experience, lived knowledge, common sense, sacred.

INTRODUÇÃO: SER TÃO ACOMPANHADO POR RIOBALDO

Na leitura de *Grande Sertão: Veredas* podemos constatar, durante as reflexões feitas pelo personagem Riobaldo e também na sua postura diante da vida, um conhecimento profundo e uma autonomia que esperaríamos, movidos por pressupostos estreitos, encontrar em filósofos bem letrados. Como pode ser Riobaldo um filósofo? Há, então, conhecimento para além da conformidade no seio do senso comum? Sugiro que estas são as surpresas que desde o princípio do livro vão retirando o leitor do confortável mundo adjetivado, analisado e mapeado por alguns, em relação a todos.

Superado este primeiro impacto, parece que esta obra está destinada a conduzir o leitor para uma experiência da qual talvez só escape quando não se permite entrar na narração sobre o Ser Tão acompanhado por Riobaldo. Tanto a obra *Grande Sertão: Veredas*, quanto a experiência do leitor, são inapreensíveis em sua totalidade. Guimarães Rosa, por intermédio de Riobaldo, promove uma vivência de ser lançado fora da “cotidianidade social”, como nomeia Berdiaev (apud FERREIRA-SANTOS, 2001), apesar de, contraditoriamente, se fazer justamente num relato sobre ela.

* Doutoranda em Ciências da Religião PUC-SP (taniapl@usp.br).

Para viver dignamente e não ser aplastado e arrastado pela necessidade do mundo, pela cotidianidade social, é preciso no impulso criador sair do círculo imanente da 'realidade', é preciso evocar uma imagem, formar um mundo distinto, novo em comparação com esta realidade do mundo (um novo céu e uma nova terra). [...] O ato criador é a vinda do fim deste mundo e o começo de outro mundo.

Somos levados a outro mundo porque Riobaldo nos convida a olhar para este mundo por uma perspectiva em que, simultaneamente, estamos fora e dentro dele. Somos deste mundo, mas somos alguém que pode olhar como é ser deste mundo, portanto o ser é algo além do sentimento de ser.

Riobaldo é o homem comum, o homem do povo, que convoca a humanidade em cada leitor para uma experiência, que, por ser dele, pode ser de cada um de nós: a experiência de olhar a si mesmo no círculo da realidade, ou seja, ter consciência de que se é ou se pode ser um ser consciente.

O que é que uma pessoa é, assim por detrás dos buracos dos ouvidos e dos olhos? [...] Só o que restava para mim, para me espiritar — era eu ser tudo o que fosse para eu ser, no tempo daquelas horas. Minha mão, meu rifle. As coisas que eu tinha de ensinar à minha inteligência (ROSA, p. 357).

Ele nos conduz, a partir de dentro da própria cotidianidade para fora da mesma, para o sagrado, para aquilo que escapa a toda tentativa que visa fotografar e descrever. O sagrado é percebido e vivido justamente porque há movimento. Mas tentar apreendê-lo, tentar captá-lo com critérios paralisantes é impossível. Riobaldo aponta para esta experiência em certas passagens:

Ah, esta vida, às não-vezes, é terrível bonita, horrorosamente, esta vida é grande. Remordi o ar (ROSA, p. 422).

A peta, eu querer saldar: que isso não é falável. As coisas assim a gente mesmo não pega nem abarca. Cabem é no brilho da noite. Aragem do sagrado. Absolutas estrelas! (ROSA, p. 422).

E, o que não existe de se ver, tem força completa demais, em certas ocasiões (ROSA, p. 490).

Grande Sertão: Veredas tem a capacidade de fisgar o leitor levando-o para uma experiência que pode ser lida como experiência do sagrado. Isso parece ser possível devido a certa estrutura narrativa e características que serão abaixo apresentadas.

1. RIOBALDO NOS COM-FUNDE

Riobaldo, como um autêntico contador de histórias, catalisa o sagrado, a experiência com aquilo que transcende e que é inapreensível em si e transporta junto com ele o leitor que se colocar disponível. Para tanto penso concorrer a favor algumas características fundamentais em Riobaldo: 1 — estar além das polaridades, 2 — a capacidade de viver no provisório, 3 — a autonomia, 4 — o conhecimento vivo, 5 — o conhecimento ativo, 6 — a travessia, 7 — a circularidade.

1.1. Estar além das polaridades

Riobaldo não é um herói exemplar, conforme os contos de heróis tradicionais. Ele não é mal ou bom, não é o mocinho ou o vilão. É um herói impuro, que não é movido por um bem estático e pré-definido. O herói jagunço, que não faz parte da elite dominante, mas também não se deixa pertencer por inteiro ao grupo de jagunços, segue sua trajetória livre para relativizar ambas as polaridades. Sua identidade vai sendo construída em pareceria com a contingência, com a realidade circundante.

Eu, quem é que eu era? De que lado eu era? Zé Bebelo ou Joca Ramiro? Titão Passos... o Reinaldo... De ninguém eu era. Eu era de mim. Eu, Riobaldo. Eu não queria querer contar (ROSA, p. 151).

Ele possui uma visão de mundo marcada pela ambiguidade e pela fragmentaridade, suportando a incapacidade de elaborar um todo coerente, ou seja, uma única visão de mundo.

Portador da potencialidade do senso comum, conforme nos ensina (ORTIZ, 1980), podemos compreender que Riobaldo mostra-se ambíguo em sua apreensão reflexiva e, resistente a dominação de qualquer dos polos, tanto da ideologia dominante quanto dos jagunços. Ele constrói sua identidade permeada pela vivência no aqui e agora. Assim ele, com base num mundo muitas vezes duramente empírico, suspende o leitor acima e além justamente do que relata.

Qual é o caminho certo da gente? Nem para frente, nem para trás: só para cima. Ou parar curto quieto. Feito os bichos fazem (ROSA, p. 94).

Agora o senhor já viu uma estranhez? A mandioca doce pode de repente virar azangada — motivos não sei; às vezes se diz que é por replantada no terreno sempre, com mudas seguidas, de manaíbas — vai em amargando, de tanto em tanto, de si mesma toma peçonhas. E ora veja: a

outra, a mandioca brava, também é que às vezes pode ficar mansa, a esmo, de se comer sem nenhum mal” (ROSA, p. 11).

Esses homens! Todos puxam o mundo para si, para o concertar concertado. Mas cada um só vê e entende as coisas dum seu modo (ROSA, p. 17).

Mas a água limpa é nas cabeceiras. O mal ou o bem estão é em quem faz; não é no feito que dão (ROSA, p. 97).

1.2. A capacidade de viver no provisório

Riobaldo é a mostra da capacidade de viver no provisório, deixando espaço para o novo emergir. Sua atitude nasce da experiência de insatisfação com o estabelecido e da percepção do que podia ser diferente.

Ele é a própria imagem da perspectiva processual, porque não torna absoluto, nem seu relato histórico, os fatos que narra, nem a religião como essência. Ele mostra sua religiosidade se dando no aqui e agora, permeado pelo que se apresenta tanto em suas reflexões e conflitos, como pela realidade circundante, apreendendo o que está para além e aquém dos próprios olhos. A verdade do fato não é dada em si de uma vez por todas. Mostra-se aberto para mudanças internas de sentido, para o provisório, o inacabado. Nele, mito e história se interpenetram e uma ajuda a explicar a outra. Ele é o próprio movimento da cultura popular, que não se deixa agarrar por inteiro, que muda de lugar constantemente.

Natureza da gente não cabe em nenhuma certeza (ROSA, p. 417).

[...] mas, eu, o que é que eu era? Eu ainda não era ainda. Se ia, se ia (ROSA, p. 391).

O senhor [...] Mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior, é o que a vida me ensinou (ROSA, p. 23).

O que mais penso, texto e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que salva da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. [...] Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório. Eu queria rezar — o tempo todo (ROSA, p. 16).

1.3. A autonomia

O caminhar entre vários elementos, sem articulação prévia, sem plano, é a marca da autonomia de Riobaldo. Ele afirma a não certeza, a não ortodoxia diante de qualquer

dogmatismo, de qualquer utopismo e de atitudes neo coloniais. Ele traça o caminho da esperança, da libertação e inovação, arriscando-se no interminável movimento.

Melhor, para a ideia se bem abrir, é viajando em trem-de-ferro. Pudesse, vivia para cima e para baixo, dentro dele (ROSA, p. 375).

Tudo, naquele tempo, e de cada banda que eu fosse, eram pessoas matando e morrendo, vivendo numa fúria firme, numa certeza, e eu não pertencia a razão nenhuma, não guardava fé e nem fazia parte (ROSA, p. 143).

Sozinho sou, sendo, de sozinho careço, sempre nas estreitas hortas? Isso procuro (ROSA, p. 153).

Poderíamos, com Riobaldo, compreender como é possível que uma pesquisa seja antes do “pesquisante” que olha criticamente o trabalho do pesquisador: “Um sentir é o do sentente, mas outro é o do sentidor” (ROSA, p. 312).

1.4. O conhecimento vivo

A construção do conhecimento em Riobaldo não é sistemática, é um processamento vivo (faz síntese, desfaz, refaz síntese), unindo elementos de conservação e de resistência.

Cada hora, de cada dia, a gente aprende uma qualidade nova de medo! (ROSA, p. 87).

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e ainda mais alegre ainda no meio da tristeza! (ROSA, p. 318).

1.5. O conhecimento ativo

O conhecimento, a ideia, de Riobaldo não é passiva. É uma ideia que resiste a toda dominação, que nasce numa construção coletiva, mas que segue adiante.

A vida inventa! A gente principia as coisas, no não saber por que, e desde aí perde o poder de continuação — porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada (ROSA, p. 461).

A conversa dos assuntos para mim mais importantes amolava o juízo dos outros, caceteava. Eu nunca tinha certeza de coisa nenhuma (ROSA, p. 375).

Natureza da gente não cabe em nenhuma certeza (ROSA, p. 417).

Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda parte (ROSA, p. 8).

1.6. A travessia

No plano subjetivo de Riobaldo, além das polaridades (Deus e o diabo, medo e coragem, claro e escuro, nascimento e morte), há a sensação profunda de travessia. O caminho sem caminho pré-definido leva a um sentimento de travessia que não é de um lado para o outro, é para um além sem fim.

Quanto mais ando, querendo pessoas, parece que entro mais no sozinho do vago... — foi o que pensei, na ocasião. De pensar assim me desvalendo. Eu tinha culpa de tudo, na minha vida, e não sabia como não ter. Apertou em mim aquela tristeza, da pior de todas, que é a sem razão de motivo; [...] E eu nem sabia mais o montante que queria, nem aonde eu extenso ia (ROSA, p. 288).

Todos juntos, aquilo tranquilizava os ares. A liberdade é assim, movimentação (ROSA, p. 320).

1.7. A circularidade

A travessia, que não chega à outra margem, é, na verdade, uma travessia de uma volta para outra na mesma espiral, em oitavas que, acompanhadas pela contingência e pela experiência de finitude, se abrem para a experiência do sagrado. Mais importante do que saber o quanto percorreu, ou em que ponto da jornada se encontra, Riobaldo não almeja um determinado lugar distante ou próximo, e sim o próprio movimento em si, o movimento que o movimenta para além do seu próprio início.

Riobaldo nos entorpece e nos com-funde com ele num constante movimento circular, sem ponto exato de saída ou de chegada.

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia (ROSA, p. 64).

Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo (ROSA, p. 312).

Talvez esta característica cause a discussão de críticos da obra sobre a localização do sertão de Guimarães Rosa. Na verdade Riobaldo nos conduz para uma terra além da terra, para um espaço sem demarcações precisas e que transcende a ciência dos mapas geográficos. Conforme contam os contos maravilhosos: “a menos de mil léguas daqui”, “era uma vez no país dos elfos”, “na terra do nunca” e outras expressões que deixam este “ar” de indefinição e além.

Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera; digo (ROSA, p. 286).

No real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam. Melhor assim. Pelejar por exato, dá erro contra a gente. Não se queira. Viver é muito perigoso... (ROSA, p. 85).

Vida, e guerra, é o que é: esses tontos movimentos, só o contrário do que assim não seja. Mas, para mim, o que vale é o que está por baixo ou por cima — o que parece longe e está perto, ou o que está perto e parece longe (ROSA, p. 229).

Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas, é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe! (ROSA, p. 100).

Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo (ROSA, p. 312).

Eu queria a muita movimentação, horas novas. Como os rios não dormem. O rio não quer ir a nenhuma parte, ele quer é chegar a ser mais grosso, mais fundo (ROSA, p. 434).

Como aquela vista reta vai longe, longe, nunca esbarra. Assim eu entrei dentro da minha liberdade (ROSA, p. 464).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: RIOBALDO, SER TÃO SAGRADO

Riobaldo, e por que não dizer o vaso do riso, ou o recipiente do rio que sempre flui. Quem sabe Riobaldo é aquele que ri do que é inútil, do desnecessário. Riobaldo é o próprio ser em movimento perpétuo, desde o “range rede” até o “travessia”. Que movimento é esse? Constatamos que não é um movimento retilíneo.

Eu queria a muita movimentação, horas novas. Como os rios não dormem. O rio não quer ir a nenhuma parte, ele quer é chegar a ser mais grosso, mais fundo (ROSA, p. 434).

Sobre o nome Riobaldo, Gustavo Bernardo (2006) tem mais uma visão ao afirmar:

O nome do protagonista envolve já uma contradição: “baldo”, a parede que barra as águas de um açude como se fosse um balde, se contrapõe ao “rio” heraclítico que escorre na paisagem, rompe todas as barreiras e impede toda definição (BERNARDO, p. 14).

A estrutura da narrativa literária, estudada por Ferreira-Santos (FERREIRA-SANTOS, 2000), pode ser aqui empregada para mostrar que Riobaldo nos conduz para uma fenomenologia do sagrado (uma experiência numinosa) justamente porque é capaz de nos introduzir em outro tempo e espaço, numa terra que é ao mesmo tempo distante e tão próxima, que existe em algum lugar não definível claramente. Em seu relato não há uma linearidade do tempo e sim uma circularidade, ou uma circoambulação em torno de um centro, que é o viver, mesmo que perigoso, o si mesmo.

Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto (ROSA, p. 99).

Hoje, eu penso, o senhor sabe: acho que o sentir da gente volteia, mas em certos modos, rodando em si mas por regras. O prazer muito vira medo, o medo vai vira ódio, o ódio vira esses desesperos? — desespero é bom que vire a maior tristeza, constante então para o um amor — quanta saudade... —; aí outra esperança já vem... Mas, a brasiinha de tudo, é só o mesmo carvão só. Invenção minha que tiro por tino (ROSA, p. 232).

Ou como o poeta Rainer Maria Rilke, Riobaldo nos leva a diversas voltas na espiral do Ser Tão!

Eu vivo minha vida em órbitas crescentes que se movem sobre e além das coisas do mundo. Talvez eu nunca possa atingir as últimas, mas esta será minha tentativa. Estou circulando ao redor de Deus, ao redor da torre antiga. E tenho estado circulando por mil anos e ainda não sei se sou um falcão ou uma tempestade, ou uma grande canção (RILKE, 2009).

Assim, Riobaldo nos leva para um espaço e tempo primordiais, dando a possibilidade para a consciência do leitor se colocar num outro estado, que ocorre através do que Ferreira-Santos (op. cit.: 62) chama de vertigem, voragem e vórtice. A vertigem causada pela entrada no espaço e tempo imprecisos vem seguida pela voragem, a descida que suga e alimenta, e pelo vórtice.

Na literatura, a voragem opera o tráfego e tráfico de sentidos e significados que vão da obra ao ouvinte/partícipe/leitor e vice-versa, até o ponto em que já não se distingue o centro irradiador. A periferia se dilui e o centro está em toda parte. Permanece a pulsação em sístole/diástole da experiência vorática (FERREIRA-SANTOS, op. cit., p. 64).

O vórtice, como centro da experiência é aquele no qual “... o ser é levado ao centro do olho do turbilhão, onde, mais que sair de si, inicia a viagem para dentro de si...” (op. cit., 66).

Riobaldo é o próprio elo entre o perceptível e o imperceptível, tornando-se representante da utopia, como essência dinâmica de toda sociedade.

O senhor [...] Mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou (ROSA, p. 23).

Riobaldo é um buscador, como cada um de nós em secreto podemos ser. Ele explica a razão de ser última de sua travessia:

Só o que eu quis, todo o tempo, o que eu pejei para achar, era uma só coisa — a inteira — cujo significado e vislumbrado dela eu vejo que sempre tive. A que era: que existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver — e essa pauta cada um tem — mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar; como é que, sozinho, por si, alguém ia poder encontrar e saber? Mas esse norteado, tem. Tem que ter. Se não, a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doideira que é. E que: para cada dia, e cada hora, só uma ação possível da gente é que consegue ser a certa. Aquilo está no encoberto; mas, fora dessa consequência, tudo o que eu fizer, o que o senhor fizer, o que o beltrano fizer, o que todo o mundo fizer, ou deixar de fazer, fica sendo falso, e é o errado. Ah, porque aquela outra é a lei, escondida e vivível mas não achável, do verdadeiro viver: que para cada pessoa, sua continuação, já foi projetada, como o que se põe, em teatro, para cada representador — sua parte, que antes já foi inventada, num papel... (ROSA, p. 484).

Mas ele conclui, sem fechar seu relato, deixando o leitor num lugar indefinido e em todos os lugares, mas junto com ele na travessia:

Existe é homem humano. Travessia (ROSA, p. 608).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNARDO, Gustavo. “O filósofo Riobaldo Tatarana”. In: *Jornal do Brasil: Ideias & Livros* (“O ano Rosa”). 18 de fevereiro de 2006, p. 14.
- FERREIRA-SANTOS, Marcos. “Música e Literatura: O Sagrado Vivenciado”. In: PORTO, M. R. S; TEIXEIRA, M. C. S.; SANTOS, M. F. e BANDEIRA, M. L. (org.) *Tessituras do Imaginário: Cultura & Educação*. Cuiabá: Edunic, 2000.
- FERREIRA-SANTOS, Marcos. “Novas Mentalidades e Atitudes: Diálogos com a Velha Educação de Sensibilidade” In: *Jornal da Apase*. São Paulo, v. XII, n. 92, p. 8-11, 2001.
- ORTIZ, Renato. *A consciência fragmentada: ensaios de cultura popular e religião*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 67-89.
- RILKE, Rainer Maria. *O livro de horas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.